

Bairros devem ter ações específicas de prevenção à violência, diz estudo

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Cruzamento de dados feito pela FGV indica áreas que se destacam no ciclo da criminalidade. RIO — Em um ponto, as propostas dos candidatos à Prefeitura do Rio se aproximam: o uso de estatísticas deve fundamentar o planejamento para as ações de segurança no município. A análise dos dados, no entanto, precisa ser aprofundada. O cruzamento de informações produzidas por institutos municipais ou estaduais é capaz de fornecer diretrizes para a atuação do novo prefeito que vá além da distribuição da Guarda Municipal pelos bairros. INFOGRÁFICO: O perfil da insegurança Um estudo produzido pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV/DAPP) mostra que cada bairro do Rio tem características próprias de incidência de crimes e percepção da violência. O levantamento “Denúncia, Crime e Castigo: o ciclo da violência na cidade do Rio de Janeiro” indica as ações mais apropriadas segundo o perfil da área. — É preciso entender que não tem atalho. Os fenômenos sociais são complexos. O que precisa neste momento de crise orçamentária e crise na segurança pública é evitar que se volte ao estágio de 16 anos atrás, regredir o que já avançou. É preciso aproveitar o debate entre os candidatos para identificar as áreas mais críticas — afirma Roberta Novis, coordenadora da pesquisa. Bangu e Bonsucesso encabeçam as quatro etapas do ciclo — os dois bairros são a origem de muitas denúncias feitas ao Disque-Denúncia; concentram registros de crimes segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP); e se destacam como origem dos presos e destino daqueles que recebem liberdade condicional, de acordo com a Secretaria estadual de Administração Penitenciária (Seap). — Locais como Bangu e Bonsucesso demandam um olhar global do poder público. Significa que policiamento não basta. Se o prefeito investir apenas em alocar guardas municipais, não vai resolver. Precisa pensar na reinserção social, promover políticas de trabalho e renda, capacitação e auxílio nos transportes, já que a renda dos moradores fica comprometida com os gastos para se deslocar — afirma Maria Isabel Couto, que também coordenou o estudo. A pesquisadora explica que as mesmas ações são recomendadas para outros bairros que também se destacam em todo o ciclo. É o caso de Campo Grande, Santa Cruz, Realengo, Centro, Bonsucesso, Pavuna, Tijuca e Copacabana. A análise dos dados mostrou que o Rio tem bairros com outros perfis. Anchieta e Guadalupe, por exemplo, têm índices expressivos de denúncias e crimes, mas não são locais de origem ou destino de presos. — Nesses casos, políticas de policiamento ostensivo podem ajudar. A guarda precisa ser realocada para esses lugares. A presença dos agentes pode prevenir roubos e furtos — diz Maria Isabel. Há bairros onde características são opostas. Portanto, as políticas públicas também devem ser diferentes. A Cidade de Deus, por exemplo, difere de Anchieta porque concentra apenados e egressos do sistema penitenciário, mas não tem altos índices de crimes. — Esse dado é extremamente importante quando estamos falando de políticas de ações sociais. Educação, assistência à saúde, emprego — afirma Roberta. O Centro e a Cidade Nova também são áreas que merecem atenção do próximo prefeito. Além da presença de guardas, a região precisa de ações na infraestrutura urbana: — Melhorar a iluminação de rua, a condição das calçadas e o aspecto urbano também ampliam a sensação de segurança. A percepção de degradação urbana facilita a ocorrência de crimes — explica Maria Isabel.



Jovens são abordados por agentes da Guarda e da PM no Centro